



SUPLEMENTO DO AÇORIANO ORIENTAL

(S)EM REDE

COORDENAÇÃO: ANA CRISTINA GIL, ANA TERESA ALVES,
DOMINIQUE FARIA, LEONOR SAMPAIO E MADALENA SILVAEmail: csc.uac@gmail.com - Telefone: 296 650 188/9
AGOSTO DE 2011 • Nº 14

Editorial Mais um desejado mês de Agosto

Vivemos tempos estranhos. Num clima de ameaça de falências e de cortes salariais, há quem pareça estar de férias todo o ano, apesar de ter emprego, e há quem não pare de trabalhar, apesar de estar de férias. A própria noção de lazer tornou-se uma espécie de *mot terrible*, palavra horrenda e atractiva, misto de pecado original

e recompensa divina, num país que precisa de aumentar a produção. O desafio parece ser o de conseguir celebrar o espírito das férias sem incorrer na indolência e sem deixar trabalho por fazer. Como acontece todos os anos em Agosto, há uma larga fatia da população em pausa profissional. Mas à semelhança de outro qualquer mês de

Agosto há sempre trabalho para fazer *em casa* ou fora dela. Neste mês de Agosto em particular, *em casa* algumas pessoas continuam atarefadas: instala-se a recém-chegada equipa reitoral, prepara-se mais um ano lectivo, delineiam-se metas científicas e prioridades académicas – enfim, lançam-se novas apostas cujo rosto damos a co-

nhecer numa entrevista ao Reitor da Universidade dos Açores. E porque é Verão, deixamos também algumas sugestões para os tempos livres que se aproximam. De férias ou não, aproveitem ao máximo mais um desejado mês de Agosto!

LEONOR SAMPAIO DA SILVA
(DOCENTE DLLM)

A Ler

Matteo perdeu o emprego,
o último romance de
Gonçalo M. Tavares

página 4

A Ver

Exposição de fotografia
“Olhares Sem Fronteiras”,
na Lagoa

página 4

A Ouvir

Festival Maré
de Agosto 2011

página 4



Grande Entrevista

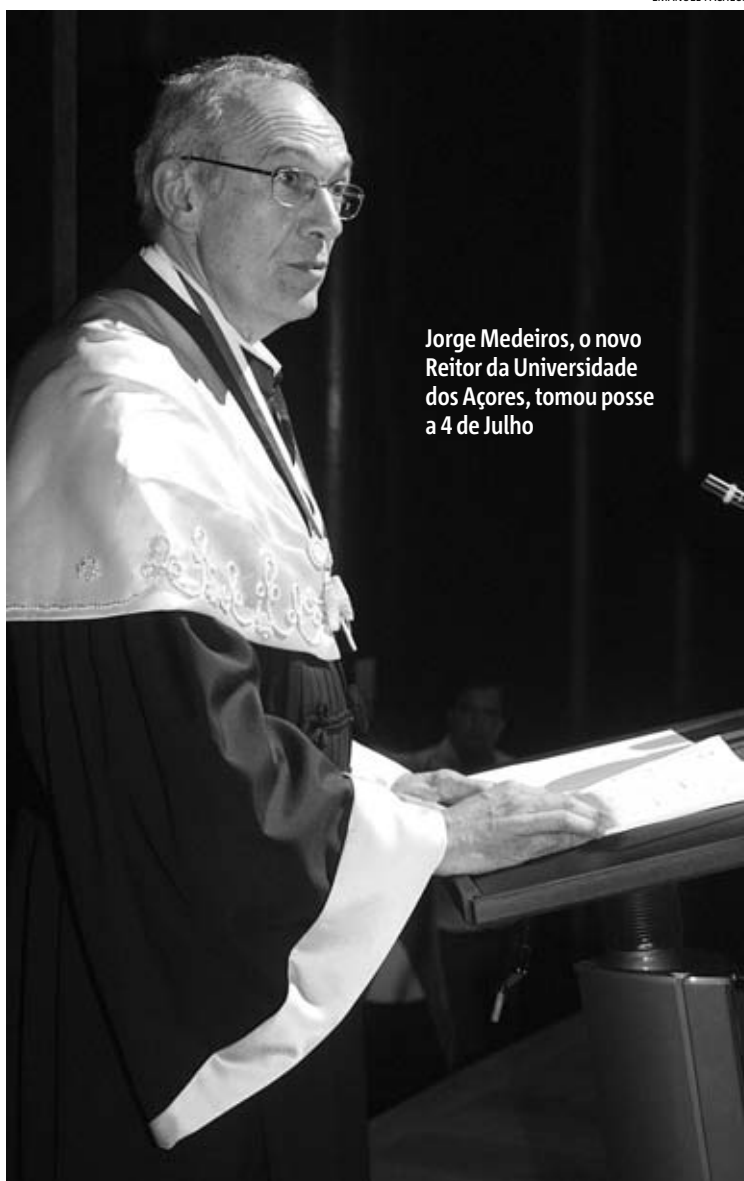
Jorge Rosa de Medeiros Reitor da Universidade dos Açores

“A minha meta é transformar a Universidade dos Açores numa verdadeira Universidade do século XXI”

Um mês depois de ter tomado posse como Reitor da Universidade dos Açores, Jorge Medeiros fala ao (S)Em Rede sobre os seus projectos para a academia açoriana

Tendo pertencido à equipa reitoral anterior, o que acha que deve ser mantido e continuado do trabalho empreendido e o que lhe parece dever ser alterado?

Conforme é sabido a Universidade dos Açores foi criada em 1976, há trinta e cinco anos. Não há dúvida que os anteriores Reitores desta Universidade souberam tomar as resoluções mais correctas implementando e dando corpo à Universidade dos Açores. Hoje a Universidade é constituída por três *campi*, modernos e todos dotados com as infra-estruturas necessárias. Seguindo o lema da construção da unidade no respeito pela diversidade, organizou-se em 12 unidades orgânicas de ensino e investigação. Actualmente, praticamente todo o corpo docente universitário já está doutorado e no Ensino Superior Politécnico existe uma grande percentagem de docentes que estão a terminar o doutoramento. A Universidade usufrui agora de um reconhecido “capital intelectual”, com compe-



Jorge Medeiros, o novo Reitor da Universidade dos Açores, tomou posse a 4 de Julho

tências para desenvolver uma diversidade de áreas do saber que se incluem nas ciências exactas, ciências da saúde, ciências da engenharia e tecnologias, ciências sociais, bem como nas artes e humanidades e com a possibilidade de o fazer interdisciplinarmente, assim como está dotada com as infra-estruturas necessárias e suficientes para desenvolver uma actividade profícua e ao serviço da sociedade. Encerra-se assim um ciclo. A Universidade dos Açores carece agora de um novo impulso. É precisamente esse o intuito do meu projecto, isto é, a criação de uma nova visão para a Universidade dos Açores, transformando-a numa verdadeira universidade do século XXI, numa universidade que contribua para a formação de uma sociedade do conhecimento e da inovação em que necessariamente terão que ser adotadas novas estruturas mobilizadoras, novos métodos de trabalho, novas modalidades de relacionamento com a comunidade, novas estratégias para mobilizar outros públicos, novos eixos para a transformação social e tecnológica e novas ideias para intervir na sociedade

Em que medida é o seu projecto inovador?

O meu projecto visa, como referi acima, a criação de uma nova concepção para a Universidade dos Açores. Essa transformação passa necessariamente pela inovação e pela projecção da Universidade.

Inovar, atendendo a que a estrutura organizativa da Universidade dos Açores terá que ser necessariamente reorganizada de maneira a adaptá-la à nova dinâmica introduzida pela União Europeia ao adoptar a “Estratégia Europa 2020”. Conseguir-se-á desse modo contribuir para a constituição de uma verdadeira sociedade do conhecimento.

Projectar, pois promover-se-á, através do aproveitamento de todas as capacidades e competências agora instaladas, a concretização de uma maior abertura à comunidade científica, o fomento da mobilidade dos estudantes, investigadores e professores, a consolidação da internacionalização na formação, na investigação e na transferência de conhecimento e a ampliação das relações com a região, as empresas, as instituições e a comunidade.

Que planos tem para a Universidade dos Açores?

A Inovação na Universidade dos Açores englobará primeiro a **reestruturação da organização** já instituída. Após essa medida passaremos, com base nessa nova organização, à **promoção da imagem e da atractividade** da Universidade como um todo. Ao mesmo tempo, a **oferta educativa** irá sendo aperfeiçoada e a **investigação** fortalecida. Não há dúvida que os recursos humanos são a base do desenvolvimento de qualquer instituição e nesse sentido, nunca será descurado o devido **apoio a docentes** >>

“Inovação”, “projecto” e “internacionalização” são as palavras-chave do programa da nova equipa reitoral

>> **investigadores ou funcionários não-docentes.** A implementação do projecto originará uma **diversificação da massa estudantil** a qual terá que ser coadjuvada na sua inserção na Universidade.

Já a projecção engloba a **internacionalização**, a **contribuição para o desenvolvimento da sociedade e do conhecimento** ou a **expansão para novas áreas estratégicas de desenvolvimento** conseguindo-se assim um aumento da autonomia institucional e a garantia da sustentabilidade financeira. Primeiro, **Inovação na Universidade dos Açores**, com o intuito de instituir uma nova tradição de organização universitária, que se adapte à nova realidade agora existente e que passa necessariamente pela reestruturação das unidades orgânicas e serviços. Só assim se conseguirá que, com a mesma dignidade, unidades orgânicas direccionadas para o Ensino Universitário, Ensino Politécnico e Investigação Científica possam desenvolver sinergeticamente as suas actividades nas várias áreas científicas desenvolvidas na Universidade e que os Serviços possam ser encarados de um modo profissional e adequado à realidade actual.

Esta nova visão da Universidade dos Açores terá que ser transmitida com uma imagem forte e única, apresentando os três *campi* como espaços de grande destaque cultural e intelectual e nunca esquecendo que são os alunos da Universidade dos multiplicadores, no presente e no futuro, dessa imagem da Universidade que se quer promover.

Na **oferta lectiva** os conceitos introduzidos pelo Processo de Bolonha têm que ser efectivamente assimilados, isto é, tentou-se adequar os cursos que já existiam às obrigações impostas por aquele processo. Agora há que encetar as iniciativas necessárias de modo a assegurar alterações qualitativas e que sejam as apropriadas ao desenvolvimento das competências que se querem transmitir. Há que atender agora a questões mais conceptuais relacionadas com o desenvolvimento curricular, com as tipologias de contacto estudante-professor, ou com o reconhecimento de aprendizagens anteriores ou, até mesmo, com a melhoria de condições para o acesso de novos públicos. Por seu turno, a aprendizagem ao longo da vida

pode assumir múltiplas formas, desde cursos de actualização para profissionais, até acções de formação destinadas a cidadãos que se mantêm activos e abertos aos progressos do conhecimento. Uma especial atenção deve ser dada a outro tipo de público não tradicional, correspondente ao denominado público sénior, carenciado de formação ou sequioso de informação.

A ponderação do Ensino Superior nos Açores impõe um esclarecimento da correspondência entre o universitário e o politécnico pois unidades orgânicas direccionadas para o Ensino Universitário, ou para o Ensino Politécnico, devem desenvolver as suas actividades, até mesmo em sinergia. Em colaboração com o Ministério da Educação e Governo Regional dos Açores (GRA), há que definir as necessidades da Região Autónoma dos Açores (RAA) quanto a este sistema de ensino e criar as necessárias Escolas Superiores na Universidade para o efeito.

O desenvolvimento da investigação científica constitui um elemento fundamental para a afirmação de qualquer Universidade, enquanto motor das diversas componentes da sua missão, ou seja, o desenvolvimento do conhecimento e consequente transmissão e aplicação à sociedade. A Universidade dos Açores deve manter as actuais áreas prioritárias de desen-

volvimento da investigação, como têm vindo a ser praticadas, mas facultar a respectiva aplicação, através do desenvolvimento de projectos pluridisciplinares, interagindo com outras áreas do saber. Esta interdisciplinaridade, com fortes mecanismos de interacção, colaboração e sinergia, torna-se fundamental para desenvolver projectos de maior dimensão, necessários na geração de novos avanços do conhecimento e em aplicações no sector empresarial ou em questões prementes da sociedade actual. Daí ser imprescindível encontrar um equilíbrio entre as prioridades e a necessária diversidade disciplinar. Nunca se poderá esquecer que a Universidade dos Açores está inserida numa Região que tem os seus problemas específicos, muitos dos quais requerem intervenções de grande nível científico, baseado em várias áreas do saber, e em que a participação da Universidade, quer directamente, quer como facilitadora, é inevitável.

Para que tudo isto se torne uma realidade é essencial contribuir para a excelência do corpo docente, satisfazendo as suas aspirações de promoção e concretização dinâmicas de colaboração com instituições de referência à escala mundial. Para o efeito, há que estabelecer critérios que, com toda a transparência, privilegiem a competência demonstrada pela docência, produtividade científica ou gestão.

A formação do pessoal não docente em áreas especializadas e a valorização do seu desenvolvimento profissional e pessoal também não pode ser olvidada.

A participação dos estudantes na vida da Universidade é imprescindível. Constituem a essência – a “alma” – da Universidade. A formação universitária não se esgota no trabalho pedagógico e científico. A vivência cultural e associativa é parte integrante de uma Universidade que se baseia em práticas de participação e de colegialidade. Há que manter uma forte identidade institucional nos estudantes, tentando despertar neles a consciência de serem membros de uma comunidade que lhes serve de referência durante a vida académica e posteriormente na vida profissional.

É com base numa instituição com estas características que há a possibilidade de uma projecção inter-



nacional ou contribuir para o desenvolvimento da sociedade e do conhecimento. A Universidade dos Açores, como universidade pública que é, deve estar assim consciente dos seus direitos e dos seus deveres perante a sociedade portuguesa e, em particular, da açoriana. Por um lado, compete-lhe utilizar, o melhor possível, os recursos de que dispõe e contribuir para o progresso nacional e, em particular, o regional, nas áreas onde tem reconhecida competência. Por outro, tem de responder, de uma forma coerente, aos novos desafios da sociedade e estar disponível para aceitar outros que venham do exterior. Naturalmente que as actividades de uma Universidade têm uma grande incidência e influência nas cidades e na região onde está instalada. Por maioria de razão, a UAc não é uma excepção, mas a pequena dimensão da região açoriana limita, em muitos casos, o desenvolvimento de áreas do conhecimento que necessitam de densidade de actores e de diversidade de iniciativas. As perspectivas de cooperação empresarial e institucional, nas áreas tecnológicas, humanísticas e culturais, terão, assim, de conciliar, em muitos casos, a riqueza local com a projecção global. É cada vez mais importante ter-se a consciência que a Universidade não serve só para produzir diplomados, mas que também actua como parceira activa da sociedade. A cooperação, a todos os níveis, deve ser reforçada e incentivada pelo estabelecimento de acordos com empresas, autarquias e outras instituições, nacionais e estrangei-

ras, nos mais variados domínios. Por outro lado, a responsabilidade social da Universidade não se esgota no País e deve ser alargada às comunidades açorianas espalhadas pelo Mundo, ao espaço lusófono e aos Países onde se fala a língua portuguesa. Há que promover meios de cooperação internacional, nas áreas tecnológicas, humanísticas e culturais contribuindo assim para o desenvolvimento dessas comunidades ou Países.

A dinamização do desenvolvimento do conhecimento e a sua transferência tecnológica constitui um dos aspectos centrais e mais relevantes da actividade de uma Universidade. A valorização do conhecimento, a sua transferência e difusão são os elementos básicos da sustentabilidade da investigação. Com esse objectivo, é necessário apoiar os investigadores com os recursos técnicos especializados, nesta missão de gestão do conhecimento, de valorização, de transferência e de difusão. A sociedade necessita de estar, cada vez mais, melhor informada, tanto do ponto de vista dos resultados da investigação como do retorno dos recursos utilizados na mesma.

Esta situação constitui uma oportunidade para a investigação efectuada na Universidade, para difundir a importância dos problemas que aborda, para valorizar na sociedade a investigação como fonte básica do seu progresso e bem-estar. **Desses planos quais são os da sua prioridade?**

Todas as actividades que apresentei estão interligadas entre si e o sucesso deste projecto depende da sinergia de todas elas. Contudo, não



EMANUEL PACHECO

há dúvida que todas elas partem de uma nova visão da Universidade dos Açores, isto é, a primeira prioridade consiste precisamente na modificação da estrutura organizativa da Universidade quer em termos das suas unidades orgânicas quer relativamente aos vários serviços que lhe servem de suporte ao desenvolvimento das várias actividades.

Uma das suas apostas é apostar na internacionalização da Universidade dos Açores. Como o pretende fazer?

Até agora o termo “internacionalização” era referido com o significado de mobilidade de estudantes, docentes e investigadores. Apesar de a “mobilidade” ser ainda um pilar importante, há que considerar que actualmente é apenas um entre muitos. O desenvolvimento entre vários Países de cursos com currículos internacionais (graus duplos e conjuntos) e respectivos reconhecimentos constitui, hoje em dia, um outro pilar da “internacionalização”. Por outro lado, o programa Erasmus veio dar ao termo uma dimensão institucional e administrativa. O estabelecimento de redes, como um mecanismo facilitador, foi também recentemente incluído na expressão. Todas estas “extensões”, contudo, constituíram apenas uma mutação ligeira ao conceito original centrado na mobilidade.

Actualmente, no século XXI, a educação transnacional, principalmente em termos de “e-learning”, foi incorporada no significado do termo. A certificação da qualidade começou a ser discutida como “internacionalização”, bem como a modernização e o ajustamento às

características metódicas do Ensino Superior tais como as reformas das estruturas do grau e a introdução de sistemas de créditos, no contexto das reformas de Bolonha. A formação ao longo da vida é agora também compreendida como parte da internacionalização. Do mesmo modo o estabelecimento de “benchmarks”, também se encontra incluído no significado do termo. Conclui-se assim que a política de educação foi também “internacionalizada”.

A internacionalização das universidades torna-se, assim, numa perspectiva de desenvolvimento que pensamos ser obrigatória. As suas actividades de formação, de investigação científica, de parceria estratégica, de transferência de tecnologia ou de afirmação social e cultural ganham sentido através da sua inserção em redes ou na multiplicação de contactos permanentes entre comunidades universitárias e de I&D.

Nos Açores, esta realidade é afectada pela situação geográfica de isolamento, de insularidade e de região ultraperiférica, o que se traduz em muitas limitações, mas também em muitas oportunidades como realidade europeia, intercontinental, geograficamente situada entre os continentes Europeu e Americano, mas com laços quer culturais quer afectivos com a América. Por outro lado, as Tecnologias da Informação e das Comunicações modificaram radicalmente a natureza das relações humanas e sociais e aproximaram os vários continentes, tornando possível a afluência e influência de todo o mundo na Região.

“A minha primeira prioridade consiste precisamente na modificação da estrutura organizativa da Universidade”

“A intensidade de relações internacionais que se têm traduzido em projectos conjuntos é já relevante nos domínios principais da investigação científica da UAc”

Por isso, a Universidade deve apostar decididamente no desenvolvimento de relações internacionais para um efectivo intercâmbio humano e de saberes. A mobilidade dos estudantes, docentes e investigadores é um elemento integrante do processo de internacionalização que contribui para consolidar as relações entre instituições e para preparar programas conjuntos que tenham execução em momentos posteriores. No caso dos estudantes, permite introduzir novos aspectos nas suas formações específicas e fomentar os contactos com outras realidades sociais e ambientais.

O próprio processo de Bolonha impõe que as dinâmicas de internacionalização sejam aprofundadas. Graus estruturados em parceria, principalmente mestrados e doutoramentos, têm implicações di-

rectas na afinidade das linhas de investigação praticadas, na selecção conjunta das temáticas, na definição dos métodos de aprendizagem, na eventual co-orientação das dissertações e, naturalmente, na mobilidade dos estudantes e dos docentes e investigadores. Acresce a este fluxo a possibilidade da presença de candidaturas livres, enquadradas ou não, que se apresentem por iniciativa própria para frequentarem os cursos com melhor qualidade e para estadas de duração variável, em muitos casos associadas à frequência de pós-graduações na Universidade. Saliente-se ainda que esta Universidade pode, e deve, beneficiar das características particulares da Região onde está inserida, extremamente atractivas para pessoas de outras paragens. Trata-se de um trunfo a aproveitar melhor, que tem sido pouco explorado, mas que, por si só, não é suficiente para que se consiga tal atracção. Uma Universidade bem organizada, que tenha gerado uma boa reputação relativamente à formação que dá e à investigação que faz, poderá explorar esta vantagem regional com muito mais sucesso, atraindo estudantes de outros países, não só para os seus cursos de formação inicial e pós-graduada, mas também para frequência de outros tipos de programas. Para ter sucesso a este nível, necessitará, por um lado, de contar com o apoio da RAA e, por outro, de transmitir uma imagem sólida, sóbria e credível.

A internacionalização está igualmente presente na investigação científica. A intensidade de relações que se têm traduzido em projectos conjuntos é já relevante nos domínios principais da investigação científica da UAc. Estas redes, já estabelecidas, devem ser ampliadas através dos mecanismos disponíveis que incluem licenças sabáticas cruzadas, projectos conjuntos, gestão partilhada de infra-estruturas, para além da organização de reuniões científicas internacionais.

Há também que favorecer a integração da UAc nas organizações internacionais já existentes a nível social e empresarial, apostando-se numa relação cada vez mais profícua entre ela e a sociedade. Finalmente há que apostar no valor sinérgico da cooperação da UAc, com outras Universidades, nacionais ou não, ou Instituições de cariz científico, de maneira a conjuntamente poderem vir a desenvolver várias actividades dirigidas a novos públicos nacionais ou estrangeiros, com cursos por “e-learning” e “blended learning”, nomeadamente em áreas em que, atendendo à região onde está instalada, e como já referido acima, a Universidade possa ter uma oferta lectiva singular e altamente especializada.

A Universidade poderá, assim, alcançar uma maior projecção internacional que permita atingir uma melhor posição competitiva para enfrentar os vários desafios que se avizinham com o processo de adaptação ao espaço mundial do Ensino Superior.

Está previsto o aumento das propinas?

As propinas para o próximo ano lectivo foram estipuladas pelo an-

terior Reitor e tiveram o aumento equivalente ao da inflação, como acontece todos os anos. Iremos fazer todos os possíveis para que não haja aumentos significativos, adoptando, se possível, o mesmo sistema de cálculo. Mas um facto é que a Universidade dos Açores é das poucas academias que não aplica a propina máxima.

Qual considera ser a sua principal missão enquanto Reitor?

A Universidade terá de inovar e transformar-se, de modo a seguir estes novos conceitos introduzidos pela Estratégia Europa 2020 e, consequentemente, pelo processo de Bolonha. A Universidade tem que ir evoluindo e adaptando-se aos modelos que resultam da evolução da sociedade e das funções que, tácita ou explicitamente, as comunidades lhes atribuem. uma Universidade tem responsabilidades tanto com o passado como com o futuro e não simplesmente com o presente. Os resultados obtidos num certo ano não traduzem o que é uma Universidade. A essência de uma Universidade tem a ver sim com a aprendizagem que molda uma vida, com a aprendizagem que transmite a herança de um milénio, com a aprendizagem que molda o futuro.

As Universidades têm compromissos atemporais, e esses investimentos têm projecções imprevisíveis e frequentemente imensuráveis.

Educação, investigação, leccionação, estão sempre a modificar-se – transformando os indivíduos à maneira que eles vão aprendendo, transformando o mundo à maneira que eles vão aprendendo e alterando a maneira de pensar, transformando a sociedade à medida que o conhecimento transmitido é traduzido em políticas. Actualmente a missão de um Reitor é precisamente saber como inovar e transformar a Universidade, conseguindo que os conceitos introduzidos pela Estratégia Europa 2020 e, consequentemente, pelo processo de Bolonha sejam implementados. A Universidade tem que ir evoluindo e adaptando-se aos modelos que resultam da evolução da sociedade.

Qual é a sua filosofia de vida?

Planear um futuro, estando atento às oportunidades que aparecem e fazer por não as desperdiçar para atingir esse fim, mas, ao mesmo tempo, saber ir-se adaptando às vicissitudes do tempo e da vida. Viver o dia a dia, mas tentando fazer que cada dia seja melhor que o anterior. Nesse sentido, há que crescer cada dia como pessoa, criticar-se e emendar os erros cometidos antes. A criação de valor para a sociedade e para um mundo melhor sobrepõe-se ao sucesso material, financeiro ou até mesmo profissional.

O que faz no seu tempo livre?

O convívio com a família, colegas e amigos é muito importante para mim.

Quais são as suas metas, em termos pessoais, para os próximos cinco anos?

As minhas metas a médio prazo correspondem em transformar a Universidade dos Açores numa verdadeira Universidade do século XXI.

A ver

“Olhares sem Fronteiras” em exposição na Lagoa

A existência num espaço geográfico de pessoas provenientes de outras culturas constitui um factor de enriquecimento cultural, social e económico para as sociedades de acolhimento. No entanto, o reforço das mais-valias dos movimentos migratórios exige-nos um trabalho permanente de valorização do sentido da frase "a diversidade enriquece-nos". Esta proposição constituiu a motivação para a AIPA - Associação dos Imigrantes nos Açores - em parceria com a AFAA - Associação Fotógrafos Amadores dos Açores - terem organizado, em 2008, a primeira edição do concurso fotográfico "Olhares sem Fronteiras".

A exposição da 2ª edição deste concurso, que contou com o apoio da Câmara Municipal de Lagoa, foi inaugurada a 20 de Julho, no edifício do Museu do Presépio. Estão patentes as 30 melhores fotografias, das 120 que foram enviadas durante o pe-



A fotografia "Saberes milenares", de Paulo Medeiros, foi a vencedora do primeiro prémio deste concurso

ríodo da candidatura, das quais saíram um primeiro prémio e três menções honrosas. "Saberes Milenares" de Paulo Medeiros foi a fotografia vencedora. O autor, que foi contemplado com uma viagem e estadia a Cabo Verde (patrocinado pela Câmara Municipal de Lagoa), tem 44 anos, é professor universitário e tem como uma das suas grandes paixões a fotografia. "Saberes Milenares" transmite-nos uma forte mensagem de um harmonioso e estimulante diálogo intercultural. Às fotografias denominadas "Mercado da Graça", de Paulo Rodrigues Jorge, "Crucifixos", de Acácio Amaral, e "Momentos", de Paulo Medeiros, foram atribuídas menções honrosas. A cerimónia de inauguração foi presidida por José Franco, presidente da AFAA, Paulo Mendes, da AIPA, e pelo Vice-Presidente do Município de Lagoa, Fernando Moniz. No seu discurso, José Franco afirmou que este é um "tema difícil de se fotogra-

far". No entanto, mostrou-se satisfeito com a participação de 22 fotógrafos no concurso e felicitou os 11 candidatos que viram as suas fotografias em exposição. "Cada vez mais a qualidade dos nossos fotógrafos está a ficar homogénea", acrescentou. Para Paulo Mendes, esta é uma iniciativa que, desde a sua primeira edição, tem ajudado a partilhar a presença da população imigrante nos Açores e contribuído para que os imigrantes se sintam mais bem integrados. "Estão reunidas as condições para que o concurso tenha a sua continuidade", afirmou.

A exposição "Olhares sem Fronteiras", que transmite as várias manifestações de diversidade e de diálogo intercultural nos Açores, está patente até ao dia 20 de Agosto no Museu do Presépio, na Lagoa.

JOSEFINA CRUZ
(LICENCIADA EM CSC)

A ouvir

Festival Maré de Agosto 2011

É já este mês, de 18 a 21 de Agosto, que a ilha de Santa Maria será palco de mais um Festival "Maré de Agosto". Trata-se da vigésima sétima edição do evento que é para muitos açorianos, não só os daquela ilha, um ponto de paragem quase obrigatório na época de Verão. O fim-de-semana, que se prolonga desde quinta-feira até domingo, vai contar com diversas actividades e espectáculos que se vão realizar em vários espaços.

Durante os quatro dias do Festival Maré de Agosto, quem participar neste evento poderá assistir diariamente no Palco TMN (Palco Maré) a três espectáculos diários, seguidos da actuação de um DJ ou DJ set. O programa da edição deste ano apresenta a variedade de artistas que vão actuar, tanto a nível de estilo musical, como tam-

bém a nível de nacionalidades. Assim, alguns deles são os franceses Kaophonic Tribu, os míticos Asian Doub Foundation, oriundos do Reino Unido; da Nova Zelândia actuarão os Katchafire, os Peatdogs Faeries da Escócia e o espanhol DJ Panko. Não esquecendo, claro, o conjunto de artistas portugueses que também irão subir ao palco nestas noites. São eles os BlastU, a fadista Ana Moura, os Diabo na Cruz, entre outros artistas.

Mas não são só os espectáculos nocturnos que preenchem o festival "Maré de Agosto 2011". Durante o dia, um dos espaços a visitar será a Ermida da Nossa Senhora dos Remédios, em Santo Amaro, onde estará patente uma exposição que é resultado do trabalho de três jovens fotógrafos: Jorda-



Como sempre, um festival a não perder!

na Vasconcelos, Timothy Lima e Pepe Brix. A mostra pretende consciencializar o público para as diferentes formas de discriminação sobre a orientação sexual e para a falta de liberdade e tolerância que se verifica na sociedade.

Além disto, haverá também na zona marginal da Praia Formosa diversos espaços destinados aos patrocinadores, reservados para actividades de animação com vertentes ecológicas.

Com vinte e sete anos de existência, "Maré de Agosto" é um dos muitos festivais que têm lugar nas várias ilhas dos Açores, na época do Verão, e que não deve perder!

ALEXANDRA NARCISO
(LICENCIADA EM CSC)

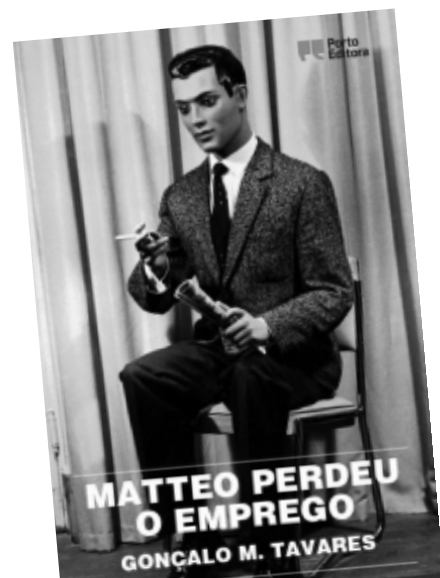
A ler

Matteo perdeu o emprego. E isso fez toda a diferença.

Gonçalo M. Tavares é um filósofo especializado na anatomia da frase. Inteligentemente transforma princípios científicos, filosóficos e artísticos em matéria literária. Com ela cria personagens e situações em que o absurdo nos vai esmurando até lhe darmos razão.

O livro apresenta-nos 25 personagens, cada uma com a sua página bizarra de vida, bonecos em fotografias, como qualquer um de nós. Conta-nos 25 histórias ligadas pelo tipo de ordem que faz sentido no mundo: a ordem alfabética dos nomes. E tem um narrador que interpreta as histórias num posfácio que segue o outro tipo de ordem que faz sentido no mundo: a ordem numérica dos algarismos.

Além disso: uma galeria de imagens ("No século XXI: ser racional é ver"); um labirinto como ícone da intolerância e do dogmatismo ("como se existisse apenas uma verdade e uma solução no mundo, o



Lançado em 2010, é o primeiro livro de Gonçalo M. Tavares com a chancela da Porto Editora (209 páginas)

labirinto funda essa coisa estranha que é a crença num único caminho"); um inquérito que simboliza a prisão (respon-des e não podes voltar atrás) e a poesia ('sim', 'não'); a tabela periódica tatuada nas costas de um prostituto (um mundo de unidades invisíveis transformado em objecto e carga); a vertigem do consumo, da pobreza, do lixo, das rotundas num mundo alucinado.

Cruzando-se com as várias personagens e abandonando-as nas esquinas das páginas, a narrativa vai-se dirigindo para Matteo (o centro do livro e do alfabeto) e a partir daí olha para trás para revisitar a viagem. Deixa-nos a vontade de também regressarmos a alguns lugares do texto para retermos uma provocação: "Se perdesse um olho por acidente manteria as suas opiniões sobre o mundo?" Ou para contemplarmos o abismo: "e o suicídio nunca quer cair sobre coisas nojentas, quer cair sobre nada, sobre uma coi-

sa que faz com que eu deixe de chorar." Dá conselhos: "fala pouco: fala do que é grande." Aponta o dedo à saída: "Mas a vida de certa maneira é isto: quando já sabes, quando já vês o ponto de saída, tens de esperar, por educação, por delicadeza, pelo gordo enorme que se arrasta à tua frente." E mostra o grande desafio: "Voltar a casa é fácil, basta não te enganares no caminho. Não voltar a casa é que é difícil: é necessário que não queiras reconhecer, outra vez, o caminho." Um livro para ser lido nas férias, isto é, com tempo: de lápis na mão, desenhando pensamentos no labirinto, enquanto o gordo se arrasta à nossa frente; enquanto nos preparamos para voltar a casa ou nos enchemos de coragem para nos enganarmos no caminho.

LEONOR SAMPAIO DA SILVA
(DOCENTE DLLM)